

**Consumidores Institucionais Politizados:
a Reciclagem como Novo Desafio**

Msc. Nutt. Jucimara Martins dos Santos¹

Resumo:

Consumir significa não somente adquirir, mas também implica em descartar, jogar fora. E este fato leva ao pensamento de que o objeto antes produzido com uma finalidade acaba tendo vida própria, sendo reciclado e transformado em outro objeto. E nesta transformação uma nova sociedade se descortina: uma sociedade preocupada em consumir, mas também ocupada com a preservação ambiental. A questão ambiental, tema cuja relevância tem sido percebida em toda a extensão da sociedade civil, é abordada nesse artigo com o foco no lixo para reciclagem; e os atores deste evento sendo aqui representados pelos funcionários da Unidade de Nutrição de um Hospital Público no Município de Barra Mansa –RJ. O artigo reflete e relata a experiência com uma parcela da sociedade que passou a contribuir com a reciclagem do lixo produzido, e neste caso, embalagens descartáveis de alimentos. Ressalta-se que quaisquer mudanças ocorridas neste ambiente costumam ter como primeira reação o descontentamento e a negação. Os resultados foram separados em 02 categorias: cuidado com o meio ambiente e a percepção de cidadania. Observou-se que a consciência ecológica já se fazia presente em suas ações e todos se mostraram entusiasmados em poderem auxiliar na preservação do meio ambiente. A orientação da gestão empresarial para uma atuação mais efetiva nos processos finais do ciclo de vida de seus resíduos exige principalmente boa-vontade de seus funcionários. Conclui-se que o consumo tem suas implicações sociais e ambientais, mas o bom destino dos resíduos obtidos deste consumo garante não somente a aplicação do conceito de cidadania, direitos e participação no ato de consumir, mas também no controle e preservação do meio ambiente com auxílio na manutenção de vida do grupo que recicla.

Palavras chave: consumo, reciclagem, cidadania

1 - Nutricionista Mestre em Ciências pelo PPGEN / UFRRJ (Programa de Pós Graduação em Gestão Estratégica de Negócios / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), docente do Centro Universitário de Barra Mansa nos cursos de Nutrição e Enfermagem. Endereço Eletrônico: jucimara_martins@yahoo.com.br.

1 – INTRODUÇÃO

A enorme quantidade de lixo produzido diariamente no mundo se transforma em prejuízos ambientais, agrava a qualidade de vida, produz desequilíbrios ecológicos e põe em risco a dinâmica natural da Terra. O pensamento de que os recursos naturais de nosso país são inesgotáveis é errado. Estes resíduos, subprodutos do consumo, devem ter um destino que não agrida o meio ambiente. E a solução é a reciclagem de resíduos sólidos, especificamente a lata ou o metal, o papel, o vidro e o plástico. Como afirmado por IDEC (2002) o lixo que se caracteriza como restos de comida, excrementos de animal e outras matérias orgânicas inserem-se no circuito da natureza e servem como adubo orgânico. Porém com a industrialização e a formação dos centros urbanos o lixo passou a ser problema, pois a natureza demora centenas de anos para dar fim nestes produtos.

Neste sentido o destino que se dará ao lixo gera desconforto e decisões precisam ser tomadas para enfrentar esta situação. O lixo deve então ser considerado um recurso e não um material de descarte e o ator deste processo é a própria sociedade. A mesma pessoa que produz o lixo torna-se responsável por ele, pelo seu destino correto e seguro. Neste sentido o consumo passa a ser pensado como espaço de politização do cotidiano, onde através da seleção do lixo reciclável o próprio consumidor participa do cuidado com o meio ambiente e ainda auxilia no processo de cidadania das pessoas que participam ativamente do processo de reciclagem (PORTILHO, 2005; MOTA, 2005; SCARLATO & PONTIN, 1992; entre outros).

Mas o mais comum é que pessoas, como dito por Silva & Nolêto (2004) excluídas da sociedade e vivendo a sua margem se incumbam desta função. Mas estes catadores como afirmado por Mota (2005) prestam simultaneamente dois serviços: um a sociedade auxiliando na limpeza da cidade enquanto participam do processo de coleta seletiva e outro a si próprios quando garantem fonte de renda com estes resíduos recicláveis.

E a sociedade também exerce sua cidadania quando separa o seu lixo doméstico e participa do controle do meio ambiente.

Assim, o foco deste estudo foi relatar a experiência de profissionais da unidade de alimentação e nutrição de um hospital público que começaram a participar da seleção do lixo. Suas percepções, seus anseios e preocupações foram aqui registradas e acompanhadas visto que durante suas atividades profissionais ainda exerceram sua cidadania de controle do meio ambiente e auxílio no processo cuidado com o meio ambiente.

2 - O Lixo e a Reciclagem: mudança de pensamento

Primeiramente se mostra necessário caracterizar o que é lixo. A palavra lixo vem do latim *lix* e significa cinza ou lixívia. No Brasil, segundo a ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas, atribui-se ao lixo a denominação de resíduos sólidos, ou seja aquilo que sobra de determinadas substâncias, não sendo nem gasoso e nem líquido (MACHADO & CASEDEI, 2007).

A produção de lixo faz parte vida humana desde tempos ancestrais e foi se modificando e se transformando de acordo com a evolução da humanidade (MOTA, 2005; MACHADO & CASEDEI, 2007). A medida que a nova sociedade urbano industrial se consolidou, e com ela o consumismo como ideologia de vida, observou-se o aumento do volume de dejetos domésticos e industriais (SCARLATO & PONTIN, 1992)..

No Brasil a produção de lixo aumentou segundo dados do IBGE e com isto a coleta de lixo acompanhou o crescimento tendo um aumento de 0,6 ponto percentual de 2007 para 2008, atendendo a mais de 50 milhões de domicílios. O PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio) mostra que na região Sudeste, em números absolutos, 690 mil casas faz parte da rede de coleta de lixo. Em porcentagem, o Sudeste lidera com 95,3% dos resíduos domiciliares sendo recolhidos contra 4,7% que são queimados ou enterrados em propriedades, jogados em terreno baldio, nas ruas, rios, lagos ou mesmo no mar (SEREZA, 2009).

Mas o problema do lixo não acaba no caminhão já que nem tudo que está no lixo pode ser considerado material totalmente descartável. O lixo é o produto final do consumo e é diretamente proporcional a ele, pois atende as necessidades materiais humanas. O grande problema é que tanto pela alta densidade nas cidades como pela sofisticação dos hábitos, as modernas populações produzem resíduos em tal quantidade que é impossível por modo natural a sua decomposição. E principalmente porque se não forem coletados e tratados adequadamente, provocarão efeitos diretos e indiretos na saúde da população, além da degradação ambiental (MOTA, 2005; IDEC, 2002; SCARLATO & PONTIN, 1992). Segundo Scarlato & Pontin (1992) existem várias formas de se tratar o lixo urbano, e ele pode ser tratado de várias formas e ter os vários destinos, como mostrado no quadro 01. Em alguns momentos as técnicas podem ser utilizadas concomitantemente.

Alencar (2005) afirma que no Brasil, a grande maioria dos resíduos sólidos urbanos coletados tem como destino o solo, sendo dispostos em lixões a céu aberto, em aterros controlados ou em aterros sanitários. Os lixões ou vazadouros são locais onde se faz a

simples descarga dos resíduos sem nenhum controle técnico. É a forma mais prejudicial ao ser humano e ao meio ambiente.

Quadro 01 - Técnicas de destinação do lixo urbano.

Técnica	Vantagem	Desvantagem
Aterro Sanitário	Constitui uma técnica ambientalmente favorável quando se respeitam as normas de instalação. Baixo custo	Comprometimento físico de áreas extensas. Pode transformar-se num foco difusor de doenças por insetos e roedores.
Incineração	Redução do volume original. Produz resíduo sólido estéril. Pode-se obter energia.	A heterogeneidade do lixo pode trazer sérios problemas ao incinerador. Pode tornar-se fonte de poluição atmosférica. Sem separação do lixo, há desperdício de materiais reaproveitáveis.
Compostagem	Redução do volume. O produto pode ser usado como adubo e cobertura de aterros. Há classificação do lixo podendo gerar renda.	Emissão de gases mal cheirosos para a atmosfera.
Reciclagem	Minimização do impacto ambiental. Reaproveitamento de materiais.	Nenhuma

Fonte: Scarlato & Pontin (1992, p.54)

Em relação aos aterros sanitários, Zulauf (2000, p. 97) afirma que “mesmo os mais estanques e corretos aterros sanitários norte-americanos, quando se observa o conteúdo dos coletores descarregando o lixo nas frentes de operação, são atestados de incompetência das sociedades atuais e de seus governos no trato do problema”. Alencar

Segundo o IDEC (2002) cada pessoa produz cerca de 01kg de lixo por dia, no qual se misturam materiais aproveitáveis e não aproveitáveis. Em relação aos materiais aproveitáveis entendem-se aqueles que podem derivar outro material, ou seja, ser reciclado. Mota (2005) afirma que a evolução da ciência e da tecnologia possibilitou a transformação de matérias-primas naturais e a criação de novos produtos úteis à humanidade, mas totalmente estranhos ao meio ambiente. Esses novos produtos, como os papéis, plásticos, vidros, metais e muitos outros, passaram a fazer parte do dia-a-dia e

também do lixo produzido. O site Ambiente Brasil corrobora dizendo que o lixo pode e deve ser considerado como uma fonte de riquezas pois as indústrias de reciclagem produzem papéis, folhas de alumínio, lâminas de borracha, fibras e energia elétrica gerados com a combustão destes materiais. No Brasil, a cada ano são desperdiçados R\$4,6 bilhões porque não se recicla tudo o que poderia.

Para tanto é necessário, antes de tudo, que haja a separação do lixo, onde materiais aproveitáveis são separados do lixo doméstico, dos resíduos alimentares. Após a separação é necessário que haja a coleta seletiva destes materiais. Mota (2005) define coleta seletiva como aquela em que se recolhem somente os materiais recicláveis, aqueles que podem ser utilizados como matéria-prima na indústria da reciclagem. Com a coleta seletiva, o resíduo que era lixo, que estava desorganizado e misturado, passa a ser organizado, selecionado, vira matéria-prima.

Scarlato & Pontin (1992) identificam a coleta seletiva como uma das etapas mais onerosas dos tratamentos do lixo. Mota (2005) afirma que apesar da coleta seletiva e conseqüente reciclagem de resíduos sólidos gerarem impacto na imagem das empresas que trabalham com esses materiais, ela ainda é uma atividade rara no Brasil e pouco incentivada pela legislação.

Existem diversos métodos de tratamento do lixo urbano. E como visto no quadro 1, a reciclagem do lixo urbanos é a forma mais economicamente viável e sem desvantagem. Segundo Scarlato & Pontin (1992) a escolha de uma ou mais técnicas dependerá da composição do lixo e da política desenvolvida pelas autoridades sanitárias do Município.

O mais importante é que este lixo seja separado para entre material reciclável e não reciclável, pois desta forma somente o lixo orgânico será destinado aos aterros sanitários ou lixões. Ainda mais porque, como afirmado por Alencar (2005) nestes locais se estabelece uma economia informal, resultante da catação dos materiais recicláveis, e a circulação de animais domésticos.

Mas se houver a separação do lixo aproveitável do não aproveitável, novos atores entram em cena: os catadores de lixo. Gonçalves-Dias (2006) afirma que desde o final dos anos 80 os catadores começaram a ocupar um papel cada vez mais importante num sistema informal de reciclagem e, por conseqüência, de coleta seletiva e gerenciamento dos resíduos domiciliares. Os catadores são hoje os responsáveis pelos significativos índices de coleta seletiva no País, fazendo do Brasil um dos campeões mundiais em reciclagem. Alencar (2005) afirma que a reutilização e a reciclagem são práticas bastante antigas: “sucateiros” da Antigüidade recolhiam espadas nos campos de batalhas para

fazer novas armas. Para Mota (2005) a participação de catadores na coleta seletiva de lixo das cidades tem sido uma grande contribuição dessas pessoas para o circuito da reciclagem e para a limpeza pública

O ideal é que estes catadores de lixo estejam filiados a uma associação. Quando trabalham isoladamente, eles catam e separam o material reciclável numa quantidade que seja suficiente para vender, porém precisam de atravessadores para a mediação com as empresas de reciclagem. A estes atravessadores chamamos de sucateiros. Esses sucateiros recebem o material coletado pelos catadores, pesam e estabelecem o preço a ser pago aos catadores. Em seus depósitos, os sucateiros vão acumulando os materiais prensando-os em fardos, até conseguirem uma quantidade que viabilize o transporte para as indústrias de reciclagem. Um dia de trabalho rende aos catadores de 2 a 5 reais dependendo da quantidade e do tipo de material que recolhem. Já a cooperativa de catadores pode desenvolver diferentes ações, visando enfrentar fatores que interferem no processo de negociação de materiais recicláveis, possibilitando competitividade através do aumento da oferta de materiais recicláveis num volume maior que garanta negociação de preços (MEDEIROS & MACÊDO, 2006).

3 – A PESQUISA

A pesquisa aborda não um problema, mas uma solução: auxiliar com a reciclagem de resíduos sólidos produzidos numa Unidade de Alimentação e Nutrição de um hospital. Mais abrangente ainda é este universo, porque o processo de educação ambiental se deu em todo o hospital. Mas aqui serão relatadas as atitudes e percepções das funcionárias de um setor do hospital, a Unidade de Alimentação e Nutrição, frente ao desafio de separar o lixo reciclável. E ainda tornar este lixo limpo e próprio para o processo de reciclagem.

A mudança de atitude frente ao material a ser descartado se iniciou em fevereiro de 2010. De um dia para o outro surgiu um novo *container* para o lixo, agora com o símbolo da reciclagem e um cartaz explicando que ali deveriam ser colocados somente os seguintes materiais: papel, latas, vidros inteiros e plásticos. Este *container* ficaria próximo do outro destinado ao lixo orgânico.

O relato deste estudo de caso foi elaborado a partir de minhas observações participativas, de conversas informais e da gravação nas reuniões e encontros de educação continuada com as funcionárias do Hospital. Nestes momentos o assunto

reciclagem sempre vinha a tona, por ser um assunto novo. A observação participativa se deu durante o mês de fevereiro até maio de 2010. Segundo Geertz (1989) observação participativa é estabelecer relações, é ver e viver sob o ponto de vista do ator. E como os eventos do dia-a-dia são dinâmicos, procurei sempre andar com bloco de anotações para registrar as falas. A apreensão da informação nas reuniões e encontros de educação continuada deu-se por meio de gravação eletronicamente em MP4 e a transcrição da fala foi feita pela própria pesquisadora para posterior análise.

Ao todo, participaram da pesquisa 14 funcionárias da unidade, todas do sexo feminino, incluindo a estagiária e a lactarista.

Os resultados obtidos pela observação *in loco* via observação participativa e pelas falas nas reuniões estão organizadas em 03 categorias. Estas categorias foram obtidas através da análise de conteúdo de todo o material conseguido segundo orientação de Bardin (1977). Segundo a autora a análise de conteúdo se caracteriza por ser um método que classifica os diferentes elementos segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir uma ordem na confusão inicial. Este método surge quando todos os métodos tradicionais de investigação acabam. Ainda segundo Bardin, a proposta da análise do conteúdo foi feita buscando a palavra indutora e seus sinônimos, assim elaborando as categorias, conforme observado a partir dos pontos marcantes nas entrevistas:

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 – O Início da Mudança

No início do mês de fevereiro todos os funcionários do hospital foram convocados para uma reunião com o responsável do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto), onde foi passado um vídeo da Ilha das Flores*. Posteriormente ao vídeo, o responsável

* Ilha das Flores: documentário curta-metragem brasileiro do diretor Jorge Furtado do ano de 1989 com duração de 13 min. Elenco Ciça Reckziegel. Mostra a importância de se evitar o desperdício de alimentos e do destino do lixo doméstico acompanhando a trajetória de um tomate desde a plantação até ser descartado.

explicou como surgiu a Cooperativa de Catadores de Barra Mansa: são catadores de lixo que foram reunidos tendo o SAAE como incentivador, e formando uma Cooperativa. Todos os cooperados são cadastrados e saem pelas ruas uniformizados e tendo o carrinho utilizado para carregar o material reciclado pelas ruas também com um adesivo com o logotipo do SAAE / Prefeitura e da Cooperativa. Segundo Alencar (2005) no Brasil, a cidade de Curitiba, no estado do Paraná, foi a primeira a implantar a coleta seletiva do lixo visando à reciclagem de materiais.

Como as funcionárias não puderam participar da reunião por ter sido no horário matutino, sem nenhum aviso prévio que possibilitasse um adiantamento de suas atividades, as informações recebidas foram imediatamente compartilhadas com elas. No dia seguinte, 02 funcionárias participaram da reunião e assim novamente a informação foi compartilhada. O receio maior em relação a esta mudança era a resistência, ato normal de qualquer pessoa frente a mudanças. Ainda mais quando não há obrigatoriedade, somente a consciência de cada uma delas, frente ao impacto ambiental do lixo nos aterros sanitários.

A partir daí o Hospital também firmaria convênio com esta Cooperativa e semanalmente seria recolhido o lixo reciclável armazenado pelos setores. Foi explicado que este lixo para reciclagem deve ser limpo e sem nenhum resíduo alimentar.

4.2 – As Categorias

A partir de agora serão elencados e discutidos os pontos que marcam a mudança de atitude das funcionárias frente a separação do lixo para reciclagem, segundo suas próprias falas e a observação de suas atividades. As informações contidas seguiram o princípio da saturação como explicitado anteriormente. Foram duas as categorias encontradas: percepção de cidadania através do engajamento social e a cuidado com o meio ambiente.

4.2.1 – Percepção de Cidadania

O Bicho

Vi ontem um bicho

*Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão, Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.*

(BANDEIRA, 1974. p. 283 e 284)

Este poema foi citado por uma funcionária logo após o início das atividades de separação do lixo. Um poema antigo que traz a tona um fato atual que se torna cotidiano com o acúmulo de lixo reciclável junto com o lixo comum. Através desta categoria as funcionárias são movidas a modificar os hábitos para evitar a situação de não-cidadania dos habitantes dos lixões e aterros sanitários.

Segundo o dicionário Aurélio, cidadania significa condição de cidadão, que é o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. E isto foi percebido na fala das funcionárias, como dito por Vera:

*“... .eu sempre falei que não sabia como eles (a Prefeitura)
nunca pensaram nisto. Um hospital que deve cuidar da saúde das pessoas
devia também pensar na saúde do planeta”.*

Esta fala enfatiza o significado do hospital e sua ação de cuidar de doentes: a atuação do funcionário no cuidado do natural, do ambiente. Mais ainda, a ênfase sobre a construção do valor pessoal e social é de algum modo completada com o apoio e auxílio a cooperativa com a separação do lixo. Neste caso o consumo se relaciona com a expressão de concretização de projetos sociais e ambientais. E para Zulauf (2000) a reciclagem é o conceito mais promissor e o fato mais importante que surgiu no setor de meio ambiente nos últimos anos.

As funcionárias, mesmo antes deste projeto, já se mostravam imbuídas em auxiliar a iniciativa de outras pessoas. Na cidade existe um grupo promovido por uma igreja católica onde entre outras atividades se faz reciclagem de óleo de cozinha transformado em sabão. Neste local, chamado ONG Paz e Bem, recebem doações de todos os lugares do óleo que seria descartado. Assim se evita a contaminação das águas do rio. As funcionárias incentivadas pela cozinheira Júlia juntam o óleo e a própria leva para a ONG.

“mas aqui na cozinha, mesmos sem sua autorização, ou melhor (rs) sem te falar nós sempre fizemos reciclagem, sabia? Porque o óleo, quando faz fritura, eu guardo e levo para o grupo Paz e Bem, para reciclagem. Você tem idéia do que uma gota de óleo contamina o rio?”

(Júlia)

Outras funcionárias confirmaram que também ajudam com o óleo:

“mas olha, quase não tem fritura no cardápio, mas a gente de vez em quando faz umas coisinhas a tarde. E este óleo que sobra a gente junta e a Júlia leva. A gente coloca em garrafa pet.” (Mônica)

Observou-se a preocupação em garantir maior oferta de materiais para a cooperativa e em contra partida, diminuir o reciclável que seria encaminhado ao aterro sanitário e disponibilizado para os moradores daquele local.

Ao se preocupar com os catadores de lixo, a funcionária corrobora o que foi dito por Medeiros & Macêdo (2006), ao afirmar que a garantia do emprego é um direito social. No Brasil, estima-se que o número de catadores de materiais recicláveis seja de aproximadamente 500.000 (quinhentos mil), estando 2/3 deles no Estado de São Paulo. Mota (2005) afirma que a função de catador de lixo é muito antiga e pode ser desenvolvida isoladamente, em lixões ou aterros sanitários ou em grupos organizados. Quando associados em grupos ocorre o favorecimento da construção da identidade dos catadores e das catadoras como trabalhadores e trabalhadoras, como uma categoria profissional. O sentimento de pertencimento a um grupo, a uma classe, pode resultar na valorização pessoal e profissional dessas pessoas. E ainda a possibilidade de desenvolver vínculos mais fortes com a sociedade, viabilizando a construção de parcerias e a prestação de serviços.

Esta preocupação de auxiliar a cooperativa foi surpreendente e garante mais eficiência na separação do lixo. Todas as vezes que a rotina de trabalho é modificada o mais normal é a rejeição, reclamação e as vezes até falta de vontade. Mas percebi que as funcionárias, mesmo antes de assistirem ao vídeo já se mostravam muito interessadas em ajudar na separação do lixo. Elas atenderam prontamente ao pedido e passaram até a executar tarefas diferentes do que foi proposto. Como é relatado na fala da funcionária Vera:

“você falou que os descartáveis da bandeja não eram para lavar não. Por que a gente usa ‘ele’ para facilitar nosso trabalho. Mas vou te contar: tem dia que no jantar eu lavo tudo! (rsrs) Porque se a gente coloca no lixo comum, as pessoas lá do lixão vão lavar e vender e ganhar dinheiro e não vão sair daquele lugar. Daí eu lavo e coloco no lixo reciclado.”

Porém nem todas as funcionárias mostraram esta intenção que vai além do simples fato de separar o lixo:

“eu não faço isto (da fala da Vera) não ... não vou aumentar meu trabalho. Faço o que dá. Mas lavar o descartável, não. (rsrs)” (Lourdes)

Fica clara a intenção de cooperar, mas não somente dentro dos limites da separação simples através de rápida lavagem. Porém o que não se diz aqui é que nas distribuições das funções a funcionária Lourdes não realiza a função de recolhimento e lavagem das bandejas que vem dos pacientes do hospital. Esta é uma função da Vera. Porém, a própria Lourdes age no seu plantão como uma fiscal. Confere o lixo comum em busca de materiais recicláveis limpos e se tem material reciclado sujo no lixo para reciclagem. Ou seja, sem perceber ela executa uma função a mais, além do que já é sua função.

Sem saber as funcionárias executam dois dos 3 “r”: que conceituam a reciclagem: reduzir, reutilizar e reciclar. Através desta prática social elas auxiliam na preservação do meio ambiente e do ecossistema. Segundo Jacobi (2003) a realidade atual exige práticas coletivas que criem identidades e valores comuns e ações solidárias numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes. Mota (2005) afirma que a reciclagem é uma atividade econômica que integra outros aspectos importantes como a geração de renda, a proteção aos recursos naturais, a educação ambiental, a inclusão social e a prestação de serviços públicos. E isto se mostra evidente na fala da funcionária Vera:

“Porque se a gente coloca no lixo comum, as pessoas lá do lixão vão vender e ganhar dinheiro e não vão sair daquele lugar. Daí eu lavo os refis das bandejas dos pacientes e coloco no lixo reciclado.”

Um material usado para facilitar o trabalho diário e ao mesmo tempo garantir um serviço mais higiênico, passa a ser um vilão para o meio ambiente. Para Gonçalves-Dias (2006) o fim da vida dos produtos, por tanto tempo ignorado pelas empresas, tem sido agora considerado como uma responsabilidade ambiental ou uma oportunidade

econômica, ou ambos. E como afirmado por Mota (2005) ao contrário do lixo primitivo, que se reintegrava naturalmente ao ambiente, esses novos materiais compõem um tipo de lixo diferente, um lixo que resiste, que não se deteriora com facilidade, que ocupa espaço e que incomoda a consciência ambiental de muita gente, preocupada com o destino do planeta

4.2.2 - Cuidado com o Meio Ambiente

O cuidado com o meio ambiente por parte das funcionárias denota um movimento de reconstrução da sociedade para uma relação de cuidar daquilo que é de todos. Segundo Jacob (2003) há uma demanda atual para que a sociedade esteja mais motivada e mobilizada para assumir um papel mais propositivo, num contexto de crescente dificuldade na promoção da inclusão social. E isto se confirmou neste estudo. Algumas funcionárias iniciaram um processo de auxílio aos catadores muito além dos muros do hospital. Começaram a mobilizar a família e até vizinhos, como mostra a fala de Nilsa em relação a funcionária Izabel:

*“A Bel agora virou uma recicladora!! (rsrs)
Ela chega aqui com sacola de lixo da casa dela!”*

Alencar (2005) em seu estudo numa escola observou que o processo de sensibilização da comunidade pode fomentar iniciativas que transcendam o ambiente, atingindo tanto o bairro no qual estão inseridas, quanto comunidades mais afastadas, nas quais residam alunos, professores e funcionários, visto que como atores são também potenciais multiplicadores de atividades relacionadas da educação ambiental.

Mas percebi que as funcionárias, mesmo antes de assistirem ao vídeo já se mostravam muito interessadas em ajudar na separação do lixo. Elas atenderam prontamente, o que é um comportamento muito diferente de outros momentos em que mudanças eram sugeridas pela direção do hospital. Elas sempre se queixam que terão mais trabalho, que são exploradas. E desta vez aceitaram tranquilamente.

“você falou que os descartáveis da bandeja não eram para lavar não. Por que a gente usa ele para facilitar nosso trabalho. Mas vou te contar: tem dia que no jantar eu lavo tudo! (rsrs)”

A separação doméstica dos vários tipos de lixo é simples: basta colocar em recipientes separados os papéis, plásticos, vidros e latas dos restos de comida (SCARLATO & PONTIN, 1992). E pelo que parece pela fala da funcionária e confirmação de suas colegas, não tem sido muito difícil a separação de grande quantidade de plásticos e outros materiais recicláveis.

Em suas falas e atitudes as funcionárias descortinam o pensamento do consumo ecologicamente correto com a participação no processo de separação do lixo para reciclagem. E se mostram atentas a atividades de todas através da observação constante dos contêineres dos lixos na busca de erros das colegas no descarte de embalagens sujas e de materiais não recicláveis no lixo para reciclagem.

5 – CONCLUSÃO

O meio ambiente é um dos atores neste estudo. A separação do lixo reciclável, fruto do consumo, relaciona-se com a intervenção negativa humana sobre a natureza. Na consciência que o meio ambiente e as pessoas são interdependentes é importante que as relações entre ambos sejam cada vez mais harmoniosa. E participar deste processo de reciclagem faz parte deste esforço de consonância entre interesses naturais, sociais e particulares.

Vemos neste estudo que o consumo é o espaço para a construção de relações sociais entre pessoas e entre elas e o meio ambiente, através da aceitação de auxílio a pessoas com menor poder social ao aceitar separar o material reciclado num ambiente institucional, de trabalho.

É inegável que o sucesso da atividade de reciclagem ou de qualquer outra atividade que invista numa modificação da sociedade visando garantir cidadania a todos envolve a participação e boa vontade. E neste estudo esta afirmativa não foi diferente: sem a iniciativa de cada um dentro do ambiente institucional o resultado não seria positivo.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALENCAR, M. M. M. Reciclagem de Lixo numa Escola Pública do Município de Salvador. **Candombá – Revista Virtual**, v. 1, n. 2, p. 96–113, jul – dez 2005. Acessado em 17/05/2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

GONÇALVES-DIAS, S. L. F. Há vida após a morte: um (re)pensar estratégico para o fim da vida das embalagens. **Rev. Gestão de Produção**. v.13, n.3, p.463-474, set.-dez. 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. RJ: Guanabara, 1989.

IDEC. Meio ambiente e consumo. Coleção Educação para o consumo responsável. 2002.
<http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/cartilhas/ColEducativa/meioambiente.pdf>

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n118, p.189-205, março, 2003. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf> Acessado em 03/09/2010.

MACHADO,N.J.; CASADEI,S.R. **Seis razões para diminuir o lixo no mundo**. SP: Escrituras Editora, 2007. (Coleção Escritinha).

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? Rev. Psicologia Social. vol.18 n2, Porto Alegre May/Aug. 2006. www.scielo.com.br. Acessado em 01/08/2010.

MOTA, A.V. Do Lixo a Cidadania. **Rev. Democracia Viva**. N.27. jun/jul. 2005. www.scielo.com.br. Acessado 08/08/2010.

PORTILHO, F. Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados. **Rev.Política e Sociedade**. vol.8, n.15. p.199-224. Out, 2009. www.scielo.com.br. Acessado em 15/05/2010.

SEREZA, H.C. Famílias ficam menores, número de domicílios cresce e problemas habitacionais mudam. 2009. <http://noticias.uol.com.br/especiais/pnad/ultnot/2009/09/18/ult6843u22.jhtm>. Acessado em 11/08/2010.

SILVA, N. M.; NOLÊTO, T. M. S. J. Reflexões sobre lixo, cidadania e consciência ecológica. **Geoambiente *on line***. Nº2. Jan-junho. Go.2004

<http://www.ambientebrasil.com.br/> Acessado em 03/08/2010.

ZULAUF, W.E. o Meio Ambiente e o Futuro. **Estudos Avançados** 14 (39), 2000.

<http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n39/v14a39a09.pdf>. Acessado em 13/08/2010.